

Fora da Assembleia, Campos Machado quer formar lideranças políticas



O deputado estadual Campos Machado deixará o cargo em março na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, onde exerceu o mandato por várias legislaturas durante 32 anos

Edimarcio A. Monteiro
edimarcio.augusto@rac.com.br

ENTREVISTA

Campos Machado anuncia frente para formar líderes

Após 32 anos de Assembleia, deputado lança a "SP - Frente Cidadã"

Após 32 anos na Assembleia Legislativa de São Paulo, o deputado estadual Campos Machado (sem partido) deixará o cargo em março, mas seguirá na política e já definiu o seu próximo objetivo. Ele lançará o movimento partidário "SP - Frente Cidadã", um ação para a formação de novas lideranças políticas, que começará por São Paulo, mas que se espalhará por todo o país.

O objetivo é o de "defender a liberdade, a democracia, a mulher, o deficiente, o afro, a liberdade religiosa", diz o advogado criminalista formado pela Universidade de São Paulo (USP), que entrou para a política pelas mãos do ex-presidente e ex-prefeito de São Paulo Jânio Quadros. De acordo com ele, a meta é eleger em torno de 150 candidatos nas próximas eleições, começando pelas municipais de 2024. Nessa entrevista ao *Correio Popular*, onde foi recebido pelo presidente-executivo do jornal, Italo Hamilton Barioni, ele fala sobre o atual momento do Brasil, o que espera para o país e o Estado e passagens divertidas da vida política.

O senhor nasceu aonde?

Eu nasci em uma cidade chamada Cerqueira César. Minha mãe era tabeleira e meu pai, oficial-maior. Minha mãe tinha herdado o cartório do meu avô. Era o único cartório da cidade, fazia tudo: casamento, nascimento e escritura de imóveis. Éramos em seis irmãos. O meu irmão mais velho é tido hoje como entre os cem melhores médicos do mundo, Marcel Cerqueira César Machado. Era o contrário da minha vida. Eu ficava apenas atrás do futebol. Joguei no São Paulo Futebol Clube lá da cidade, como profissional. Depois na Valeense, quando fui para São Paulo para treinar no Corinthians e enfrentei o primeiro drama da minha vida. Era o primeiro estudante de Ourinhos a Botucatu a entrar no Largo de São Francisco (Faculdade de Direito da USP), quando era a São Francisco. Eu tive que escolher entre a faculdade e o futebol. Escolhi estudar.

Como foi sua entrada na vida profissional de advogado?

No meu segundo ano na faculdade, Cerqueira César virou comarca, e cartório da minha mãe passou a ficar somente com o registro civil, o que não dava nada. Isso em uma época em que todos os filhos estavam estudando fora. Eu fui trabalhar como estagiário de advogado. O escritório trabalhava com a Boca do Lixo, que existia na época em São Paulo, prendendo as mulheres e os cafetões por lenocínio. Não ganhei nada pelo primeiro mês de trabalho. Eu vi como se fazia o habeas corpus, que podia ser feito por qualquer um e comecei a soltar uma prostituta aqui, um cafetão ali. Na época, eu morava em uma pensão na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio com a Rua 23 de Maio, que tinha três quartos. Num deles, dormia meu irmão na parte baixa, eu na parte de cima e um colega no colchão no chão. Eu fiz um acordinho com a dona da pensão, dava um dinheirinho para ela, que atendia e dizia que ali era a residência do doutor Antonio Carlos, para dar moral. No quinto ano da faculdade, eu consigo um milagre e montei o meu escritório próprio, em sociedade com outro advogado, que ocupava meio andar. Ele ficou quatro, cinco meses, não quis mais. Na época, o Isidoro Barioni, que escrevia no *Shopping News*, me ajudava, sempre colocava o meu nome. Todo mundo lia o jornal. Nunca dei um centavo para ele, não. Eu comprei a parte do sócio e anos depois já havia comprado mais um andar inteiro, trabalhando desse jeito.

O senhor se especializou como advogado criminalista?

Eu não bebo, não fumo e não jogo, mas cheguei a advogar para 70% do tráfico do



O deputado estadual Campos Machado em visita ao Correio Popular

país. Eu não vejo nada demais. Continuamos a crescer, comprei mais um andar em cima e dividi o escritório: ficou a parte só criminal e a consultoria, com a parte tributária, civil. Depois comprei um escritório para a minha irmã, que também é advogada, em Ribeirão Preto, uma filial. Depois, montei em Piracicaba, Campinas e no Rio de Janeiro. Minha mãe passou em um concurso para tabelião e os meus pais se mudaram para Jaboticabal. O meu pai, que era vereador em Cerqueira César, tinha como ídolo Jânio Quadros.

Como o senhor entrou para a política?

Eu peguei uma questão de inventário da família do Jânio. Era ele, a mulher, Elói, e a única filha, a Tutu. Eu disse para meu pai que não queria atender político, mas acabei pegando para atender o pedido dele. O Jânio era louco. Um dia ele me disse: "Dizem que o senhor é muito valente, muito corajoso. Eu quero ver: os homens de verdade se conhecem na política. O senhor tem que ser candidato." Eu respondi que não, mas me encheu tanto a paciência que acabei aceitando disputar a eleição para deputado estadual. Eu vou contar uma passagem interessante. Jânio era o prefeito (de São Paulo) e proibiu tomar chá e café na prefeitura. Eu fui lá como advogado que estava cuidando do inventário. Ele chamava tudo mundo de senhor, mandou eu sentar e perguntou: "quanto eu lhe devo?"

Mas, antes de falar de negócios, tome um chá, um café." Eu disse que não poderia, mas ele respondeu que o prefeito pode. Ele chamou o garçom, que serviu o café. Quando peguei a xícara, a porta se abriu e tinha um jornalista. Ele gritou: "O que o senhor faz com essa xícara na mão? Está pensando o quê? Põe essa xícara na mesa. A ordem é não tomar cafezinho aqui na prefeitura." O jornalista foi embora, ele chamou a secretária, a Caline: "Caline, cadê o café para o advogado?" Depois, ele pegou o cheque e assinou aonde se coloca a quantia. Embaixo, ele colocou o valor e falou para a secretária: "Caline, você é testemunha que não devo mais nada ao advogado." Fiquei quieto. Quando saí, perguntei para a dona Caline o que faria com aquele cheque. Ela disse: "Eu não tenho coragem de entrar lá." Eu falei que muito menos, o cheque sumiu e não recebi nada. Quando me encontrava, Jânio dizia: "Já paguei, não lhe devo nada."

Isso abriu as portas para a política?

Um dia o Jânio pediu para eu ir a casa dele porque queria ter uma conversa de homem. Ele me disse que teria de ser candidato a deputado. Não adiantava teimar com ele, e foi assim que aconteceu, exatamente isso. Eu disse que o único político que gostava era ele, mas me arrumou um número, 14.140, me filiou no partido, o PTB, e fui candidato em

“O Jânio (Quadros) era louco. Um dia ele me disse: 'Dizem que o senhor é muito valente, muito corajoso. Eu quero ver: os homens de verdade se conhecem na política. O senhor tem que ser candidato.' Eu respondi que não, mas me encheu tanto a paciência que acabei aceitando disputar a eleição para deputado estadual”

1986. Na época que estava em uma fase profissional muito boa, com filiais e parcerias com escritórios de Nova York, Washington e Milão. Eu achei que, por ser um advogado famoso, todo mundo iria votar em mim. Coloquei 60 Kombis para trabalhar e fiquei no escritório, que na época tinha 70 advogados. Pensei que iria ter 500 mil votos para cima. A apuração era no Anhembi e fui lá todo feliz só para confirmar. Terminei como suplente, mas decidi que queria ganhar; na próxima, eu entro. Aí veio a Constituinte. O Wilson Toni, que era jornalista em Ribeirão Preto, foi ser secretário e eu assumi. Fiz o diabo na Assembleia Constituinte, falava todo dia, toda hora. Ele voltou, eu saí. Fui candidato novamente em 90 e fui eleito pela primeira vez. Na época, o governador era o Fleury (Luiz Antonio Fleury Filho). Agora vou contar algo que me orgulha: foram 32 anos de mandato, 32 votações para liderança do partido e sou o único político do país com 32 anos seguidos como líder. Eu comecei a interessar por política. Em 96, o partido não tinha candidato e eu disse que sairia para prefeito. Eu sabia que iria perder, mas era preciso levar o partido para frente, mostrar que existia. Depois eu conheci um cara chamado Geraldo Alckmin (atual vice-presidente da República), que foi meu padrinho de casamento. Outro político próximo era Mário Covas, que se elegeu governador em 98, apesar de todas as adversidades. Ele dizia que o sinônimo de lealdade era Campos Machado. Ele não me abandonou nenhum segundo, até meu afilhado político foi embora. Ele ficou.

O senhor foi também o vice na chapa encabeçada por Geraldo Alckmin para a Prefeitura de São Paulo?

Em 2000, ele foi candidato a prefeito e eu o seu vice. Foi uma eleição que tinha tudo para dar nada. Nós perdemos a eleição, mas o Geraldo assumiu o governo e a amizade foi se estreitando. Eu considero Thomaz, filho do Geraldo, como um filho. Eu tenho um santinho da missa de sétimo dia dele na carteira. Todo lugar que encontro o Geraldo, ele mostra o santinho dele, que carrega no bolso da calça, e eu o meu. Ninguém não entende nada do que está acontecendo.



Eu sou o único político que tem o colar de mérito do Ministério Público. Eu tenho doença à lealdade. Eu aceito tudo, menos deslealdade. Traição e ingratidão, não tem nada pior

ENTREVISTA

Deputado espera eleger 150 candidatos em 2024

Movimento de Campos Machado defenderá a democracia e liberdade

Como o senhor vê o atual momento político do país?

A minha impressão é que o (Jair) Bolsonaro fez a pior administração que um presidente poderia fazer. Eu sou o autor da campanha nacional pela redução da maioria penal e o conheci quando ele foi a São Paulo, quando era deputado do PTB. Não pode ter existido pior presidente do que o Bolsonaro. Insensível, desumano, desleal com os amigos. Eu sempre fui antiPT, mas o Geraldo é o ponto de equilíbrio do governo. Nos últimos quatro anos, o Dória (ex-governador João Dória, de São Paulo), traiu o Geraldo. Eu não aceito traição, não existe nada pior no mundo do que o traidor. O cristão diz que é preciso perdoar. Perdoar é uma coisa, esquecer é outra. O Dória é tão sem-vergonha que, nos debates em que o Geraldo ia, ele ia até o camarim e dizia que era preciso trocar a gravata, tirar a vermelha e colocar a azul. O Geraldo enfrentou todos no PSDB para o Dória ser o candidato a governador. Ele ganhou a eleição. Eu não o chamava de Dória, mas de João Agripino, porque ele tinha horror que dissessem que ele era nordestino. Ele quer ser da elite. Eu não tive nenhuma vaga, nem de porteiro, nem uma emenda no governo dele. Os deputados que não saíram do Palácio (dos Bandeirantes) esqueceram o Geraldo, mas eu não, fiquei até o fim. Ele era o meu candidato e do Kassab (Gilberto Kassab, presidente nacional do PSD) ao governo de São Paulo. Ele ia toda quinta-feira no meu escritório para atender as pessoas. Mas o Márcio França e o Chalita (Gabriel Chalita, ex-deputado federal do PSB) fizeram um jogo por trás (Alckmin compôs, pelo PSB, a chapa encabeçada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT)). Eu sou o único político que tem o colar de mérito do Ministério Público. Eu tenho doença à lealdade. Eu aceito tudo, menos deslealdade. Deslealdade, traição e ingratidão, não tem nada pior.

Nessa troca de poder no governo federal, há toda essa discussão envolvendo a democracia e os militares. Como o senhor vê isso?

O ministro José Mucio (da Defesa) é uma pessoa honesta, muito preparada e tem todas as condições para fazer um bom trabalho. A discordância ideológica é algo absolutamente natural e saudável para a democracia. O que não pode acontecer, em nenhuma hipótese, é o uso de uma eventual divergência política para tirar de um cargo eletivo um representante eleito pelo voto popular. Democracia é democracia. Quem ganha, leva.

Como o senhor avalia que será o mandato do governador eleito Tarcísio de Freitas (Republicanos)?

É como colocar na direção do jornal um especialista em vender abacates. Durante a campanha, eu disse diversas vezes para o Rodrigo (governador Rodrigo Garcia (PSDB)) que ele não tinha que bater no Haddad (candidato Fernando Haddad, do PT), mas no fôlego, alguém que não conhece São Paulo. Eu disse isso em uma reunião com a equipe de campanha, com os marqueteiros. Um deles até se levantou, disse que não me conhecia, mas achava que eu estava certo. Mas, fui voto vencido, perdi. Em vez de ter feito uma campanha dura contra o PT, ele deveria ter optado em mostrar que reunia mais condições que o Tarcísio, por ser paulista, ser caipira e conhecer o Estado de São Paulo. Além disso, muitos prefeitos o traíram, se omitiram e praticaram injustiça. Rodrigo era o candidato mais preparado para governar o Estado de São Paulo. Estou conhecendo o governador agora. A história dele é como ministro do governo Jair Bolsonaro. Espero que ele faça um governo voltado para os interesses de São Paulo.



O deputado estadual Campos Machado fala durante sessão ordinária da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo: defesa da liberdade e da democracia



Durante entrevista ao jornal Correio Popular, o deputado estadual Campos Machado explicou os planos para montar o movimento partidário "SP - Frente Cidadã"

E quanto ao governo federal? Qual a sua opinião?

O ponto de equilíbrio é o Geraldo Alckmin, que se preparou para isso, amadureceu. Ele é muito ponderado, focado e importante para dar equilíbrio ao governo. Se o presidente continuar ouvindo ele, como vem fazendo e muito, tem chance de dar certo. O Geraldo tem um papel preponderante no governo. Ele é sensato e vai trabalhar no sentido de ajudar que a gestão seja de centro, não é radical e vai dar um norte. Vai deixar claro para a sociedade o que vai prevalecer são os interesses do governo.

Depois de décadas no PTB, o senhor deixou o partido e foi para o Avante? O que

aconteceu?

O Roberto Jefferson (ex-presidente nacional do PTB) simplesmente chegou em São Paulo e disse que eu tinha de ser candidato a prefeito em 2020. Eu falei que não podia porque tinha um compromisso com o Bruno Covas, em função do avô dele, Mário Covas, que tinha sido um pai para mim. E o Jefferson fez críticas pesadas a mim e ao Bruno. Achei uma ofensa e liguei para ele. Daquele dia em diante, não nos falamos mais. Para evitar que ele impusesse naquela eleição, indiquei o advogado Marcos da Costa como vice de Celso Russomano (Republicanos). Quando acabou a eleição, o Jefferson fez intervenção em São Paulo. De alguns anos para cá, ele teve desvio de conduta, abandonou todos os amigos de

30 anos e partiu para uma aventura política totalmente contrária do que ele sempre defendeu. Aquele Roberto Jefferson que eu conheci não existe mais.

O senhor deixou o Avante em outubro passado, logo após o primeiro turno das eleições, um ano e dez meses após entrar para o partido. Qual o seu futuro político?

A minha missão agora é lançar o movimento "SP - Frente Cidadã", um projeto partidário para formar novas lideranças políticas, uma frente democrática para defender a liberdade, a democracia, a mulher, o deficiente, o afro, a liberdade religiosa. Não é a raça que distingue as pessoas, é o caráter. No caso da liberdade religiosa, Deus é um só, os caminhos são diferentes. A ideia é criar escritórios, frentes, ter representantes em todas as cidades, levar o trabalho para todo o Brasil. Quem ficará na direção aqui em Campinas é o Carlos Cruz, que foi presidente da Associação Paulista dos Municípios e fez um grande trabalho. Eu já criei esses escritórios, essa base nos municípios no Avante, algo que já tinha no PTB, sei como fazer. O objetivo é eleger em torno de 150 candidatos.

Mas já para as eleições de 2024, 2026? O projeto é para fundar, criar um novo partido?

Criar um novo partido hoje é muito difícil, são necessárias 500 mil assinaturas. O Geraldo Alckmin já leu o nosso projeto, gostou e disse que quer participar, fazer parte. O Kassab (além de presidir o PSD), é o secretário de Governo do Estado de São Paulo) também fará parte. Há pelo menos 400 nomes confirmados no movimento, mas a expectativa é de que as adesões aumentem após o lançamento oficial.

Quando o "SP - Frente Cidadã" será lançado?

Em março, quando o estatuto estiver registrado no cartório. Uma das finalidades da frente é estimular e promover a defesa inalienável e a difusão dos princípios básicos do Estado Democrático de Direito. Nós vamos defender princípios importantes, como a democracia, igualdades racial e de gênero, liberdade religiosa, opção sindical, entre outras. A decisão é de que, inicialmente, a Frente não esteja atrelada a nenhum partido político, a preocupação é que a origem do movimento seja fundamentado em ideias, para não ser confundido com a pregação de qualquer ideologia. Isso não impede que, no futuro, a gente venha a abraçar algum caminho partidário, desde que sejam respeitados os valores que nos inspiraram desde o princípio.

O que levou o senhor a deixar o Avante, a segunda sigla da qual fez parte na sua carreira política, pouco tempo depois de ser filiar ao partido?

Fui pensando uma coisa e era outra. O Avante não cumpriu nada. Não teve diálogo, companheirismo, parceria. Fiquei isolado. Houve falta de apoio, compreensão e comprometimento da direção nacional do Avante com os candidatos paulistas, o que não permitiu ao partido eleger nenhum representante, tanto à Câmara Federal como à Assembleia Legislativa. Os dirigentes nacionais do partido manipularam o fundo partidário de forma prejudicial aos candidatos de São Paulo. Sumiram com a lista dos candidatos.

Qual o seu hobby, o que senhor faz para reaparecer diante dessa agitação toda em que vive?

Nada, a minha missão nesse momento, o meu objetivo, os meus esforços estão voltados para o "SP - Frente Cidadã".



O deputado estadual Campos Machado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo: "Democracia é democracia. Quem ganha, leva"

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 4 + 5